

## CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGÊNCIA / BARCELONA 2023

### Qual é a ética para a prática psicanalítica na atualidade?

#### ***Ética, responsabilidade e invenção***

Stella Maris Rivadero

*“Em repetidas ocasiões escutei de meus doentes, após prometer-lhes cura ou alívio, esta objeção: «Você mesmo diz ser provável que meu sofrimento se entrelace com as condições e peripécias de minha vida; você nada pode mudar nelas, de que modo, então, pretende me socorrer?». A isso pude responder: «Não duvido que, por força, seria mais fácil para o destino que para mim livrá-lo do seu padecer. Mas você se convencerá de que será grande o benefício se conseguirmos transformar sua miséria histórica em infortúnio ordinário»”.*

(Freud. S., "Psicoterapia de la histeria" em O.C. Tomo I, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1968).

Responsabilidade provém do latim «*responsum*», que é uma forma de ser considerado sujeito de uma dívida ou obrigação. A responsabilidade exige coerência no atuar e está de acordo com valores ou forma éticas. Tem sua origem na palavra *responsável*, que significa responder no sentido de obrigação, de comprometer-se a algo, motivo pelo qual é responsável aquele de quem se espera uma resposta.

O verbo inventar vem de *invenção* e o substantivo vem do latim «*inventus*», do prefixo *in* (para dentro), sendo *ventus* o particípio do verbo *venire* (aventura), criação, achado. Achar, pensar, desenhar algo novo que não existia, alinhamentos de criatividade com relação aos padrões conhecidos. Não se trata de liberar determinações mas sim de habilitar ao novo.

Transmitir vem do latim «*transmittere*», que significa fazer chegar uma mensagem de um lugar a outro. É o desejo do analista que não deixa escapatória, não descansa em posições de bela alma.

A responsabilidade pela posição subjetiva que alguém assume é colocada diante de nós em termos de dizer que sim ou que não.

Os dizeres de cada um o situam na responsabilidade, trata-se do assentimento ou da rejeição do significante, a posição a respeito do significante é fundamental e não eliminável.

O analista conserva inteira a responsabilidade a partir de sua posição de ouvinte, uma psicanálise é a cura que se espera de um psicanalista.

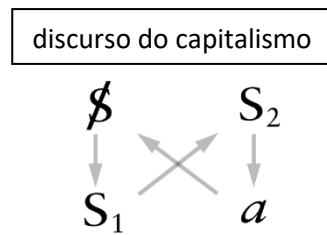
Poderíamos formular que o analisante é o suporte do Sujeito Suposto Responsabilidade, sabemos que a liberdade não é sem o Outro, tendo em vista a castração.

O psicanalista não está excluído, exilado dos assuntos da *polis*, o que não significa que pode deixar de lado as regras profissionais e perder-se na rua entre as pessoas. Isso significa que esses assuntos são os seus porque ele está embebido deles em sua prática e o próprio Lacan expunha: *“De nossa posição de sujeitos: somos sempre responsáveis e chamem isso de terrorismo onde quiserem”* (Lacan, J., *Escritos 1*, “La ciencia y la verdad” [1965], SXXI Editores, México, 1971).

Na política não se trata de esperar ter poder para fazer. Para ter poder, é necessário inventar. A arte do possível não é se acomodar ao já existente mas sim dar existência ao que se demonstrará possível e sua ética reside nesse poder de invenção do possível, devido ao fato de não haver um bem que valha para todos, nem um bem geral. A psicanálise aponta a uma política do sintoma e do sonho, convida a pensar um sujeito não colonizável, a construir e ampliar margens de liberdade sem apelar ao confinamento, não é doutrinação, não é dominação, tampouco é uma proposta de adaptação. O sonho como reservatório de liberdade é usina de futuro, recupera enquanto é retorno do reprimido, mas ao mesmo tempo, abertura, criação, invenção, potência do psíquico, potência instituinte, é um saber não antecipável.

No discurso capitalista o sujeito vai ao lugar do agente, mas este agente sujeito não mantém relação com o objeto *a*. Trata-se de um sujeito da apetência, consumidor de objetos que não o castram, fomentando a ilusão de felicidade através desse consumo e os vínculos afetivos são regidos pelas mesmas pautas, tendem a ser transitórios e descartáveis, de satisfação imediata e garantida, usam-se; ao contrário, o amor exige eternidade e cuidado do outro que não é um objeto negociável. Perguntamo-nos que valia

assume o desejo em cada sujeito em singular e particular quando o consumo tende a uniformizar a singularidade desejante.



Dado que o neoliberalismo elude a crise e a reprime prometendo a liberdade absoluta e o reino dos bens, a psicanálise a recebe e aproveita-se dela, tornando-se um método ético e poético, um método no qual há assimetria, mas não exercício do poder, e implica revisar as servidões, as “vassalagens”, como diz Freud. A opção trágica é então evitar o desejo, motivo pelo qual a política do sintoma é terreno fértil para levar o sujeito a sua divisão mais próxima.

O desejo não é para o psicanalista uma categoria, mas a consequência estrita à qual está exposto pelo exercício de sua prática, é função de liberdade, uma impossibilidade de fechamento de um universo discursivo. Se o homem dividido pela linguagem fala sem saber o que diz, o desejo o torna responsável pelo que diz, ao passo que as formas de traí-lo parecem convergir nesse não saber, envolvem o sujeito na névoa de uma culpabilidade morosa e opressiva afastando-o da verdade.

O analista tem que pagar algo para sustentar sua função. Paga com suas palavras, suas interpretações. Paga também com sua pessoa, posto que pela transferência é literalmente despossuído dela. É necessário que pague com um julgamento no que tange à sua ação. É uma exigência mínima, um julgamento. O analista tem consciência de que não pode saber o que faz em psicanálise, o que sabe é que dirige a cura e não o sujeito, o desejo do analista separa o *a* do Ideal. Uma parte aparece velada por ele mesmo.

As coordenadas que o analista deve alcançar para ocupar o lugar que lhe é próprio e que é essência e fundamento de sua ação se relacionam com oferecer vazio o lugar do próprio

desejo, o que significa que não deve estar ocupado por esse objeto que é o desejo de seu Outro. Implica um lugar incômodo e compromete-se a acompanhar essa travessia na direção da cura. A determinação do Outro não é uma determinação *per se* mas o determinante é o que, por um lado, uma leitura a *posteriori* terá localizado como tal em um lugar vazio e, por outro, esse vazio, furo, determina sua potência.

A psicanálise aposta na vigência da palavra e sustenta uma posição ética em relação à direção da cura e ao padecimento subjetivo e em sua essência postula a vigência do Inconsciente sob as condições da transferência. A incidência da psicanálise na cultura não tem relação com o ato analítico?

Se há função desejo do analista, haverá analisantes que requeiram de sua existência “porvir de uma ilusão”. Para isso é necessário estar advertido do arcabouço cultural e dos significantes da época que habitam tanto nossa subjetividade como a de nossos analisantes. No horizonte da psicanálise está o Real e é através do discurso que, quando perfura o sentido, forja um encontro com o vazio que relança o desejo, dando lugar ao um por um e à diferença que enriquece e dignifica.

É necessário que o analista seja ao menos dois; o que pratica e o que reflete sobre sua prática. Citaremos Jacques Lacan (“Función y campo de la palabra y el lenguaje en psicoanálisis” [1953]. Escritos 1, Siglo XXI Editores Argentina, Buenos Aires, 1988):

*“testemunha invocada da sinceridade do sujeito, depositário do ato de seu discurso, referência de exatidão, fiador de sua retidão, guardião de seu testamento, notário de seus codicilos, o analista tem algo de escriba”.*

O analista na direção da cura sustenta a transferência para que o analisante não ceda em seu desejo, cifra única e singular de cada sujeito.

Mais adiante, no mesmo escrito, Lacan sublinhou: *“que renuncie quem não puder incluir em seu horizonte a subjetividade de sua época”*, (Lacan, J., “Función y campo de la palabra y el lenguaje en psicoanálisis” [1953]. Escritos 1, Siglo XXI Editores Argentina, Buenos Aires, 1988). Podemos advertir que excluía qualquer cumplicidade complacente com a subjetividade de sua época. Nessa ordem nada é definitivo, uma resposta sempre pode ser

tratada como a reiteração da questão, de modo que permanecerá sempre aberta. Esta é a lógica da argumentação em psicanálise, perguntas cujas respostas não farão desaparecer as perguntas e inclusive permitirão situá-las melhor.